



ORIENTE MÉDIO

Pouco antes do encontro com o premiê Benjamin Netanyahu, o presidente dos Estados Unidos declara que espera anunciar acordo com o Hamas nesta semana. Ministro da Defesa israelense planeja confinar 600 mil palestinos no sul de Gaza

Maya Levin/AFP



Soldados das Forças de Defesa de Israel (IDF) patrulham área na Faixa de Gaza, diante de prédios destruídos

Trump coloca fim da guerra como prioridade

» RODRIGO CRAVEIRO

Apoucas horas da reunião entre Donald Trump e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, em Washington, a Casa Branca classificou o fim da guerra na Faixa de Gaza e a libertação dos israelenses sequestrados há 640 dias pelo grupo terrorista Hamas como a “maior prioridade”. O presidente dos EUA espera anunciar um cessar-fogo até o fim desta semana. “Há boa chance de alcançarmos um acordo com o Hamas, durante a semana”, disse. O encontro entre Trump e Netanyahu ocorreu durante um jantar privado, na noite de ontem, na Casa Branca. Entre os temas discutidos, o futuro de Gaza. Para acelerar o processo, o enviado de Trump para o Oriente Médio, Steve Witkoff, viajou para Doha (Catar), a fim de participar das conversas entre Israel e Hamas. Netanyahu considera “inacreditáveis” as demandas do Hamas, que exige garantias de que as hostilidades não prossigam, em caso de fracasso da trégua. Fontes ligadas às negociações admitiram que a primeira rodada de diálogo terminou de forma “inconclusiva”. Ao embarcar para Washington, no domingo, Netanyahu afirmou que a reunião com Trump poderia “definitivamente ajudar a avançar” com o acordo (de cessar-fogo). O israelense repassou à equipe em Doha “instruções claras” para firmar um acordo “sob condições acertadas”. Enquanto os EUA pressionavam por uma trégua, Israel Katz, ministro da Defesa israelense, anunciava um plano para confinar 600 mil palestinos em uma nova “cidade humanitária” construída sobre as ruínas de Rafah, no sul de Gaza. Katz declarou que as pessoas entrarão na “cidade” depois de passarem por um “monitoramento de segurança” e, uma vez lá dentro, não terão permissão para sair. A medida recebeu fortes críticas de

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Embora a abordagem anterior de Trump tenha sido duramente criticada por marginalizar os direitos palestinos, devemos reconhecer que ele é um negociador com influência. Ele tem a alavancagem — não apenas para facilitar a libertação de reféns, mas também para inaugurar uma nova era política. Se optar por uma diplomacia real, poderá pressionar por um cessar-fogo que leve a negociações de paz regionais sérias. Mas tal processo deve ter como base o fim da ocupação — a causa raiz da instabilidade regional. Qualquer coisa que não seja isso permanecerá como uma solução temporária.”

Dalal Iriqat, professora da Universidade Árabe Americana, na cidade de Ramallah, na Cisjordânia

Lionel Bonaventura



“A proposta israelense de construir um grande acampamento em Rafah para abrigar centenas de milhares de palestinos é apenas mais um elemento do plano genocida do governo israelense para Gaza. A extrema-direita israelense tem sido explícita sobre seu desejo de ‘resolver’ o conflito israelense-palestino, livrando-se dos palestinos, inicialmente em Gaza e, posteriormente, na Cisjordânia. Isso seria um enorme crime de guerra, um crime contra a humanidade. A ideia de um acampamento rudimentar, em vez de permitir que as pessoas reconstruam suas vidas, é criar condições tão miseráveis que os palestinos vão fugir ‘voluntariamente’.”

Kenneth Roth, ex-diretor executivo da Human Rights Watch (HRW) e professor visitante da Faculdade de Assuntos Internacionais e Públicos da Universidade de Princeton

especialistas, que veem sinais de crimes contra a humanidade.

Antes do encontro entre Trump e Netanyahu, o senador independente Bernie Sanders lamentou o “dia vergonhoso para a América”. “Hoje, um criminoso de guerra indiciado pelo Tribunal Penal Internacional será recepcionado na Casa Branca. Trump, assim como (Joe) Biden antes dele, auxiliou e apoiou o governo extremista de Netanyahu, que sistematicamente assassinou e deixou civis famintos em Gaza”, escreveu.

O repórter fotográfico Ibrahim Abu Ghazaleh, 27 anos, demonstra

ceticismo em relação à pressão da Casa Branca pelo fim da guerra. “Nós estamos exaustos, escutando os mesmos slogans todos os dias. Eles continuam falando as mesmas coisas, mas nunca agem. Apenas acreditaremos em um cessar-fogo quando a guerra verdadeiramente acabar aqui”, afirmou ao **Correio** o morador da Cidade de Gaza. Ghazaleh rejeita a proposta israelense de criação de uma “cidade humanitária”. “Não abandonaremos nossas casas, não deixaremos o norte de Gaza para irmos a Rafah.”

Ex-diretor executivo da organização não governamental Human

Atta Kenare/AFP



“Tentaram me matar”, revela o presidente do Irã

O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, acusou Israel de tentar assassiná-lo, sem especificar quando, em uma entrevista ao apresentador americano Tucker Carlson, exibida ontem. “Eles tentaram, sim. Agiram nesse sentido, mas falharam”, respondeu Pezeshkian, ao ser perguntado se ele acreditava que Israel tentou matá-lo. “Eu estava em uma reunião (...) Eles tentaram bombardear a área onde ocorreu a reunião”, acrescentou, sem especificar se isso ocorreu durante a breve guerra do mês passado, segundo uma tradução de suas respostas em idioma persa. O conflito eclodiu quando Israel lançou bombardeios contra o Irã em 13 de junho, matando altos comandantes militares e vários cientistas ligados ao programa nuclear iraniano. Pelo menos 1.060 iranianos morreram durante o conflito, segundo a Fundação de Mártires e Veteranos do país.

Rights Watch e professor visitante da Faculdade de Assuntos Internacionais e Públicos da Universidade de Princeton, Kenneth Roth acredita que a exigência e a garantia de um cessar-fogo estão totalmente ao alcance de Trump. Ele afirmou que Israel não pode continuar a perseguir a guerra em Gaza sem obter armas e ajuda militar dos EUA. “Netanyahu tem buscado uma guerra permanente por medo de que, se aceitar um cessar-fogo, os membros de sua coalizão de extrema direita o abandonem, ele perca o poder e corra o risco de ser preso por acusações de corrupção

pendentes. Trump poderia mudar esse cálculo condicionando as vendas de armas ao fim dos combates”, disse ao **Correio**.

Roth lembrou que nenhum presidente dos EUA mostrou-se disposto a tomar essa medida — além da suspensão, pelo democrata Joe Biden, da entrega das bombas de 900kg usadas por Israel para dizimar bairros palestinos em Gaza —, por medo de ataques da direita política nos Estados Unidos. “Embora Trump historicamente tenha dado a Israel tudo o que ele desejava, o presidente americano é um aliado pouco confiável, pois o seu

principal compromisso é consigo mesmo. Se considerar vantajoso pressionar Netanyahu a parar de lutar — digamos, porque espera receber o Nobel da Paz —, Trump poderia mudar sua posição de apoio incondicional para condicional em relação a Istael.”

De acordo com a palestina Dalal Iriqat, professora da Universidade Árabe Americana (em Ramallah, na Cisjordânia), embora qualquer compromisso com um cessar-fogo seja bem-vindo, é preciso cautela ao medir palavras e ações. “O anúncio da Casa Branca reflete a crescente pressão internacional e a mudança na opinião pública. No entanto, para os palestinos, um cessar-fogo não pode ser o teto — deve ser uma porta de entrada para a responsabilização, a proteção e uma solução política justa”, explicou à reportagem. “Um cessar-fogo que não aborde as profundas e intocadas causas do conflito — a ocupação, o deslocamento e a violência sistêmica — apenas adiará mais tragédias.”

“Limpeza étnica”

Iriqat desqualificou o anúncio de Katz. “(A proposta de criar uma cidade humanitária) É uma tentativa assustadora de normalizar o deslocamento forçado dos palestinos. Rotulá-la de ‘cidade humanitária’ não a torna humana. Pelo contrário, reforça uma estratégia de engenharia demográfica e de limpeza étnica”, advertiu a professora. Ela reforçou que não se pode destruir casas, aprisionar sobreviventes em campos e chamar isso de “solução”. “Tais propostas ecoam os capítulos mais sombrios da história e violam o direito internacional humanitário. Os palestinos precisam de dignidade, justiça e retorno aos seus lares — não de uma segunda Nakba (‘catástrofe’) disfarcada de ajuda humanitária”, acrescentou a professora.